

A ontologia negativa da deficiência no discurso das organizações¹

Evelyn Carvalho TEIXEIRA²

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o discurso das organizações sobre a deficiência com base em uma perspectiva relacional que compreende a comunicação como um espaço de disputa de sentidos e de emergência de dissidências. Em seguida, mobiliza-se o conceito de ontologia negativa da deficiência e a internalização do capacitismo, de Fiona Kumari Campbell (2001; 2008). A análise empírica pauta-se em trechos de entrevistas com profissionais atuantes na área de diversidade e inclusão de 17 empresas para ilustrar como essas dinâmicas operam na prática corporativa. Conclui-se que o discurso faz parte de um sistema sociolinguístico responsável por engendrar saberes e imaginários pautados em afetos para a construção da representação social.

Palavras-chave

Comunicação organizacional; deficiência; capacitismo; ontologia negativa; imaginários sociodiscursivos

A perspectiva relacional da comunicação nas organizações

A comunicação organizacional, sob uma ótica complexa e relacional, é compreendida muito além de um viés instrumental e transmissivo. De acordo com Baldissera (2009), a comunicação organizacional configura-se como um processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais. Nessa perspectiva, os sujeitos encontram-se tensionados como forças em relação, que dialogam e disputam as redes simbólicas de seus grupos sociais (Bourdieu, 1989). As organizações são, portanto, tomadas como ambientes relacionais instituídos e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 6 – Comunicação Intercultural, Interseccionalidades e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

atualizados constantemente por práticas discursivas que podem definir contornos identitários e naturalizar relações de poder (Baldissera; Mafra, 2021).

Nesse contexto, a interação não se dá de forma puramente harmônica. Marques e Mafra (2013) demonstram que o diálogo corporativo é um processo dissensual. Em vez de buscar o controle ou a supressão de conflitos, o diálogo propicia a formação de cenas de dissidência, nas quais performances de resistência articulam o campo narrativo ao argumentativo para validar uma pretensa igualdade moral entre atores assimétricos (Mafra; Marques, 2015; Marques; Mafra, 2013). É a partir dessas cenas de dissidência que ocorre a emergência de públicos não como meros receptores passivos, mas como “sujeitos em experiência, que irrompem sob a forma de acontecimento” (Mafra; Marques, 2015, p. 81).

A ontologia negativa da deficiência e a internalização do capacitismo

Para compreender o lugar destinado às pessoas com deficiência nessas disputas discursivas, é necessário reconhecer a presença do capacitismo e de uma visão negativa sobre a deficiência. Campbell (2001, p. 42) alerta que a deficiência é constantemente associada ao referencial de uma “ontologia negativa”, formulada com base no realismo biomédico que retrata o corpo deficiente como um anátema ou uma tragédia pessoal. O capacitismo opera como uma engrenagem de crenças e processos que normatizam a corporeidade humana padrão, situando a deficiência como um estado essencialmente diminuído, sujeito a intervenções corretivas ou cura (Campbell, 2001; 2008).

Diferentemente da discriminação contra outros grupos minorizados, o capacitismo gera no sujeito a internalização de sua própria desvalorização, impulsionando muitas pessoas com deficiência ao desejo inatingível de emular a norma e dissimular sua condição (Campbell, 2008). Essa dinâmica é intimamente atrelada ao que Goffman (2022, p. 12) postula como a administração do estigma: a vivência em que a “identidade social real” do indivíduo entra em choque com a “identidade social virtual” exigida pela sociedade, forçando a pessoa estigmatizada a ocultar atributos para evitar o isolamento ou o descrédito.

A gravidade desse quadro se traduz na denegação de reconhecimento teorizada por Honneth (2003). As experiências de desrespeito, de humilhação social e de exclusão limitam não só a autonomia, mas degradam o auto-respeito e a auto-estima do indivíduo; sem o devido reconhecimento de seu valor social, a capacidade de luta e resistência do grupo é paralisada (Honneth, 2003).

A representação no discurso corporativo: Análise de trechos de entrevistas

O referencial teórico sobre a perspectiva relacional da comunicação nas organizações e a ontologia negativa da deficiência apoia a análise de uma série de entrevistas em profundidade (Duarte, 2017) com profissionais da área de diversidade e inclusão de 17 empresas, realizadas para uma pesquisa de mestrado. Nessa etapa foi possível explorar as iniciativas de gestão da diversidade e de comunicação conduzidas pelas empresas e obter insumos para a análise do discurso das organizações sobre a deficiência.

As falas captadas ressoam a internalização do capacitismo e a ocultação estratégica forçada pelo estigma no ambiente de trabalho. Um exemplo contundente do peso do estigma (Goffman, 2022) surge na fala de uma analista de Recursos Humanos da Empresa D: *“A gente tem a impressão de que as pessoas não falam sobre a deficiência delas. [...] Para não serem estigmatizadas. E de fato tem um estigma muito alto.”*. Essa subnotificação, vista não raramente pelas organizações como uma barreira de gestão, é, na realidade, a resposta de sobrevivência de sujeitos diante de um ambiente capacitista que impõe ontologias negativas (Campbell, 2008), no qual assumir a deficiência pode custar o desenvolvimento da própria carreira.

A ausência de reconhecimento adequado, conforme apontado por Honneth (2003), transborda na percepção das próprias lideranças sobre as pessoas com deficiência. A gerente de Recursos Humanos da Empresa M, que também é uma mulher com deficiência, reflete sobre o silenciamento e a diferença de postura de seu grupo em relação a outros grupos minorizados: *“Eu chego, às vezes, em uma comunidade de pessoas com deficiência, e a galera é mais apática, não quer falar tanto, não quer se posicionar”*. Longe de ser uma falha de caráter, essa “apatia” é consequência de um processo discursivo que constrói, nas palavras de Campbell

(2008, p. 156) “um corpo deficiente dócil e prontamente maleável”, paralisado por séculos de opressão institucional, infantilização e falta de estima social.

Considerações Finais

A análise da comunicação organizacional sob uma lente crítica revela que o discurso não é um artefato isolado, mas faz parte intrínseca de um sistema sociolinguístico que engendra saberes e imaginários orientados para a construção de uma representação social (Charaudeau, 2017). O imaginário é uma forma de apreensão do mundo e possui a função dupla de criar valores e justificar ações sociais.

Esses imaginários sociodiscursivos têm como base fundamental os afetos, emoções e crenças que perpassam a vida cotidiana (Pessoa; Brandão; Mantovani, 2019). Conforme ressalta Pessoa (2018), a circulação de textualidades midiáticas e organizacionais desperta afetos de assombro, pena ou legitimação, definindo em grande medida as sensações de pertencimento e inclusão das pessoas com deficiência. Superar a ontologia negativa exige das organizações um esforço genuíno de comunicação relacional, onde a escuta substitua as estratégias de ocultamento de conflitos, desconstruindo o estigma e acolhendo as vivências em toda a sua pluralidade afetiva e política.

Referências

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, Edição Especial, n. 10/11, p. 115-120, 2009.

BALDISSERA, Rudimar; MAFRA, Rennan. O discurso organizacional em perspectiva. **Organicom**, v. 18, n. 36, p. 11-13, 2021.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Inciting legal fictions: Disability's date with ontology and the ableist body of the law. **Griffith Law Review**, v. 10, n. 1, p. 42-62, 2001.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Exploring internalized ableism using critical race theory. **Disability & Society**, v. 23, n. 2, p. 151-162, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, v. 7, p. 571-591, 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MAFRA, Rennan Lanna Martins; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Diálogo, cenas de dissidência e públicos como evento em organizações. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 11, n. 21, p. 78-87, 2015.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Diálogo no contexto organizacional e lugares de estratégia, argumentação e resistência. **Organicom**, n. 19, p. 82-94, 2013.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência**: experiências e partilhas. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

PESSOA, Sônia Caldas; BRANDÃO, Vanessa Cardozo; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. **Imaginários sobre a deficiência**: mobilização de afetos cotidianos em campanhas publicitárias. Intexto, Porto Alegre, n. 45, p. 164-186, 2019.